

01

ENTREVISTA COM JOSÉ VIALE MOUTINHO

Flavio García (UERJ)

*Recebido em 01 abr 2016.**Aprovado em 29 abr 2016.*

Entrevista feita por Flavio García, durante Estágio Sênior de Pesquisa, com Bolsa CAPES, para Estudos Pós-Doutorais na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), em Portugal, de abril de 2015 a março de 2016. Flavio García é Pós-Doutor pela UC (2016), UFRGS (2012) e UFRJ (2008), Doutor pela PUC-Rio (1999) e Mestre pela UFF (1995). Professor Associado da UERJ, atua nos Mestrado e Doutorado na área de Estudos de Literatura. Foi o primeiro coordenador do GT ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional” (julho de 2011 a junho de 2016) e é líder do GP Diretório de Grupos do CNPq “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica” (desde 2001). Vem publicando variados títulos (livros de autoria própria ou organizados, capítulos de livro e artigos em periódicos) sobre as “vertentes do insólito ficcional” no Brasil e no exterior. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4242057381476599>.



José Viale Moutinho, um fantástico escritor, cuja obra se vê entremeadada de insólito realismo, imiscuído de realidades insólitas (<https://www.facebook.com/jose.vialemoutinho>), conforme notas biográficas de suas últimas edições, nasceu no Funchal, Portugal, em 1945 – logo, está à volta dos setenta anos. Estreou, em 1968, com uma “pequena novela”, *Natureza morta iluminada*. De lá para cá, no correr desse quase meio século de produção, Viale Moutinho compôs uma obra – sempre em ritmo continuado e frenético – diversificada genologicamente – tanto no que tange a diversidade estrutural, quanto no que se refere ao público leitor almejado, como, ainda, em relação às temáticas e aos tratamentos estéticos. Nesse percurso, tem sido um escritor demasiadamente premiado.

Em sua Página Digital (<https://josevialemoutinho.wordpress.com/>), encontra-se uma listagem de entradas – constituída sem rigor teórico, mas, ele é um ficcionista, e tal empenho não lhe cabe – da qual se pode destacar, especialmente, dentre os “Textos do autor”, a seguinte distribuição, excluindo-se dela o que parece menos importar para este momento: “Camiliana”; “Crônicas/Narrativas”; “Escrita infanto-juvenil”, subdividida em “Para Crianças” e “Para Jovens”; “Estudos e ensaios”; “Guerra Civil de Espanha. Campos de Concentração”; “Nas Antologias”; “Obra literária”, subdividida em “Ficção”, “Poesia” e “Teatro”; “Tradições Populares Portuguesas”; “Traduções”.

Viale Moutinho, desde sempre, envereda pelas sendas dos mundos possíveis do insólito ficcional, revisitando o Maravilhoso – como, por exemplo, em *Contos Populares do Algarve* (1977), *Contos Populares Portugueses* (1978), *Contos Populares Russos* (1978), *Contos Populares de Angola* (Folclore Quimbundo) (1986), *Adivinhas Populares Portuguesas* (1988), *Lendas de Portugal* (2003), *Lendas dos Açores* (2007), *Lendas de Trás-os-Montes*

e *Alto Douro* (2007) e *Portugal Lendário* (2008) –, aventurando-se pela literatura para crianças e jovens – de que se pode mencionar, *O adivinhão* (1979), *Os dois fradinhos* (2005), *A gaitinha mágica* (2003), *O rapaz de pedra* (2004), *A sopa de pedra* (2004), *As lendas da Misarela* (2004), *O livrinho das lengalengas* (2004), *O livrinho dos contos do alto douro* (2004), *O livrinho das adivinhas* (2005), *Histórias da deserta grande* (2006), *O livrinho dos provérbios* (2006), *O grande livro das adivinhas* (2008), *A cidade das pessoas tortas* (2007) e *Será que sou neto da bruxa?* (2007) – e indo aos universos do Gótico ou do Fantástico, que, à exceção de títulos cujo compromisso documental seja explicitamente assumido, infiltram-se por toda a sua obra.

Em 2015, Viale Moutinho publicou *O diabo coxo*, que, no geral, não se pode inscrever no universo do insólito ficcional, ainda que o título induza a tanto, e *Águas negras*, que sequer tangencia a ficção do insólito, mas é aguardado, para 2016, *Quatro manhãs de nevoeiro*, em que personagens, tempo e espaço são compostos segundo modelos de mundos possíveis ficcionais incongruentes em relação aos padrões do sistema semionarrativo realista, constituindo uma arquitetura textual insólita.

P.: Viale Moutinho, em sua produção bibliográfica, há títulos de livros que remetem diretamente para o Fantástico. Desses, quais você destacaria e como os organizaria, considerando a efetiva inscrição dos textos na literatura fantástica, apenas uma aproximação aos discursos fantásticos e, por fim, a simples utilização do termo por fins mercadológicos?

R.: Como ficcionista, iniciei a publicação de livros em 1968, com uma pequena narrativa intitulada *Natureza morta iluminada*. Estava marcada pelo fantástico, ou pelo insólito, que lhe é

parente. Eram dois irmãos gémeos que viviam em bairros bem diferentes da cidade, um na zona rica e outro na pobre, seja um na zona alta e outro na beira-rio. Ambos tinham duas coisas em comum: manias de colecionador e metade de um mapa do tesouro da família. Certa vez, partiram um ao encontro do outro a fim de completarem o mapa. Porém, não se reconheceram e transformaram-se em outras pessoas. Em 1972, publiquei o segundo livro de ficção, *No país das lágrimas*, em que incluí aquela primeira história e mais umas quantas que entretanto dava como acabadas. Porém, este fantástico era uma alegoria ao país português dominado pelo fascismo. Recordo que havia um tal Tomás (como o presidente da república da época) que fazia discursos aos murganhos, uma revolta numa escola do ensino primário contra a professora que espancava os alunos, um rapaz a guardar a vinha que ia ser atacada, entre outras histórias. Mas aí está a chave de quase tudo quanto escrevi, desde a caçada aos grifos até aos que viviam como porcos e os seres que bem poderiam assumir a sua condição de fungos! Logo a seguir, em 1974, mas antes do 25 de Abril, publico *O jogo do sério*, com narrativas na mesma linha, conquanto mais apuradas. A primeira delas era “A fábrica”, que não tardou a ser traduzida para russo e sair numa antologia do conto português publicado pelas Editora Progresso, de Moscovo. E ensaiei aí, com *Matapan*, uma espécie de conto histórico carregado de nonsense. Utilizei no conto final do livro, intitulado “As batalhas”, fotografias e *fac-simile* de um fragmento de romance policial para evitar ser eu a escrever *hardcore*! Depois, com o advento da Revolução, saiu *Histórias do tempo da outra senhora*, com um discurso

não convencional, que conquanto tivesse um pendor social era também o resultado de uma escrita experimental, que eu trazia da recente aventura da poesia concreta, cujo grupo integrei, embora nunca tivesse enfeixado essa minha escrita em livro, salvo num volume colectivo que saiu em Inglaterra, com poetas portugueses e ingleses. E a coisa parece ter resultado porque esse volume vai em terceira edição e teve como sequência o romance (chamemos-lhe assim) *Entre povo e principais*. Naturalmente, a escrita ficcional foi tomando novos rumos, mas sempre mal-educada em cânones de forma e conteúdo. Esse romance (lá estou eu!) *Quatro manhãs de nevoeiro* é uma maneira de permitir um olhar mais actualizado pela minha escrita. Também de um modo natural, nas minhas histórias vai se espelhando uma maneira irónica, por vezes sarcástica, outras vezes sardónica. Porém, o insólito ganha foros de cidadania, pois os meus personagens são quase nada convencionais.

Depois vêm títulos de obras que foram absorvidas por outras. O caso do *Romanceiro da terra morta*, de 1988, que marca a fase seguinte englobando os livros publicados anteriormente: *Cabeça de porco* e *Apenas uma estátua equestre na Praça da Liberdade* (1976 e 1978). Hoje, daquela primeira fase existe um volume também conjunto *No país das lágrimas e outros contos*. Aquilo que poderia chamar fase terceira é um conjunto de livros que saíram entre os anos 1990 e a primeira década deste século, em que há uma maior economia de processos, tendendo para textos mais curtos, por vezes mais azedos e corrosivos, em que o fantástico é inerente aos argumentos.

Se me tivesse proposto fazer livros com títulos mercadológicos, decerto disporia de imaginação suficiente para atrair os leitores que vagueiam nos centros comerciais e supermercados: *Cristo chora por nós*, *A intimidade dos amantes*, *Romanceiro de amor cru*, *A paixão amarga de um homem casado*! Mas senti-me no direito de nunca ter pensado nisso – até agora. Há um título na Literatura Portuguesa que me fascina pelo *kitch* que implica (pois nunca li essa obra de Júlio Brandão): *A paixão da Maria do Céu*. Isso sim é um título que hoje entraria até às profundezas do mercado cor de rosa! Por isso, quando me perguntam oralmente qual é o próximo livro, sempre respondo com o ar mais sério do mundo: *E o amor me fez bandido*.

P.: Sua resposta à pergunta anterior leva à pressuposição de que você tenha uma concepção conceitual, mesmo que pouco ou nada rigorosa, do que seja a ficção fantástica. Assim, como o leitor e o autor Viale Moutinho pensam o Fantástico?

R.: De facto, pouco ou nada rigorosa é a minha concepção conceitual! Penso que o Fantástico é a expressão mais interessantemente realista do nosso universo. Como viajo de táxi, metropolitano e autocarro na cidade do Porto, em que vivo, ouço conversas que me atiram para questões, limbos e pensamentos bem diferentes daquilo que os sociólogos, historiadores, arquitectos e jornalistas – e eu fui 40 anos jornalista! – escrevem juradamente sobre o nosso tempo. Nós os escritores, sobretudo da minha geração, a perdida no tempo, é que temos a incumbência de relatarmos e reflectirmos – ou permitirmos com o que apresentamos, o que o futuro saiba o que mal se apercebeu. E depois vem a crítica falar do insólito

e do fantástico, apenas porque não deu conta do que é a realidade. Querem coisa mais insólita que vinte reformados assistindo a um jogo de bisco num jardim público? Dizem os seus palavrões, enganam-se uns aos outros e vão almoçar a casa. Falam de futebol e de política e expressam-se do modo mais reacionário!

Na verdade, o fantástico é que ainda subsista tudo isto para pasto dos pseudoficcionistas como eu. Quando na pantalha do computador leio o que acabei de escrever e isso não me parece que vá agradar ao leitor, respiro fundo, pois sei então que estou no bom caminho. Claro, quero lá saber o que é o bom caminho. Às vezes apetece-me agarrar nestes homúnculos e mulherúnculas e atraí-los ao meu peito para fazer uma *selfie*! Mas agora o insólito objecto que é uma extensão para colocar o telemóvel à distancia, permitindo fazer uma *selfie* abrangente parece-me o cúmulo do insólito. E as minhas histórias não serão também *selfies*?

P.: Mário de Carvalho, seu coetâneo, considerado por parte da crítica, a despeito do que ele admita, representante da literatura fantástica, insiste em que, em Portugal, à exceção de Álvaro do Carvalho, não há ficcionistas do Fantástico. Você concorda com o compatriota? Se sim, explique-se; se não, cite autores e obras que você inscreveria no Fantástico.

R.: Álvaro Carvalho e não só, conquanto os mais deles não sejam autores do Fantástico a 100%. Há contos fantásticos no Eça (*O tesouro*), Herculano (*A dama Pé de Cabra*), Camilo (*O esqueleto*), Teófilo Braga (todo o livro *Contos Fantásticos*), Almada (*A*

tartaruga), alguns contos de Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, Manuel de Lima (*O clube dos antropófagos* e *o Malaquias*), bem como algumas obras de Urbano Tavares Rodrigues, da Natália Correia, o Mário de Carvalho, o Alfredo Margarido (*A osga*), Herberto Helder, Júlio Cesar Machado (*Roberto do Diabo*), Fialho, Régio, Domingos Monteiro, Mário Henrique Leiria, até o Padre Manuel Bernardes e o David Mourão Ferreira! Estranho que se diga que não há uma literatura fantástica portuguesa, se existe uma grossa antologia do conto desta linha! E, pelo que tenho lido, neste momento dava para quatro ou cinco tomos!

P.: Seu livro de narrativas – termo utilizado na edição, ao invés de contos ou crônicas, por exemplo –, *No país das lágrimas* (1972), é dedicado a cinco pessoas, dentre as quais, Ana Hatherly, Maria Xosé Queizán e Xosé Luís Méndez Ferrín. Este último, também coevo a si, é um ficcionista cuja crítica, tanto em Galicia, sua “terra meiga”, quanto em outras partes do mundo, como no Brasil, por exemplo, é tido como escritor que excursiona pelos mundos possíveis do insólito ficcional, em geral, revisitando crenças, lendas e mitos que encharcam o imaginário galego. Você diria que Méndez Ferrín é um exemplo de ficcionista do fantástico galego? Se sim, que obras de Méndez Ferrín ilustrariam sua opinião? Se não, por quê?

R.: Com a Ana Hatherly, e o pintor e design gráfico Marco, tive um projecto de colecção de livros que não tardou a desfazer-se. Era a Colecção Gémeos, onde só entrariam autores deste signo, como ela e eu. Saiu o meu *Natureza morta iluminada*, a seguir o livro dela *39 Tisanas*, também marcado pelo fantástico. A seguir seria um ensaio do pintor António Santiago Areal, que se

desentendeu com a Ana por qualquer razão, e fez uma edição de autor. Então entrou o pintor Diogo Alcoforado com um ensaio, mas ele já não era do signo e a colecção acabou! É em 1969 que, em Vigo, contacto pela primeira vez com a literatura galega, onde pontificava já o Méndez Ferrín e a Maria Xosé Queizán, então sua mulher. Estava eu na histórica livraria Librouro a escolher livros em castelhano, quando se me aproximou o livreiro Antón Patiño, tio do poeta e pintor Raimundo Patiño, e me começa a falar da literatura galega, tendo eu comprado alguns livros em galego, bem como recebido a indicação como contactar o Ferrín. Assim aconteceu e ficamos amigos para todo o sempre. E da minha parte devotando-lhe uma grande admiração. A Maria Xosé de *A orella no buraco*, seu romance de estreia, entrou nos domínios do feminismo, que não me interessaram por aí além, salvo entre os romances que publicou a seguir um intitulado *Amantia* a que se seguiria *A semellanza*. Porém, com o Ferrín a coisa foi mais forte. Desde o *Percival* até *Arraianos*, cuja tradução portuguesa é da minha autoria, aí está todo o universo fantástico da tradição galega interpretada por um homem culto, por um militante nacionalista galego e de esquerda, que muito me interessa.

P.: Em 2013, para a Coleção “Chamo-me...”, da Didáctica Editora, dedicada ao público leitor “a partir dos 9 anos”, você publicou *Franz Kafka*, uma espécie de autobiografia romanceada daquele, a cuja obra, Todorov, autor de *Introdução à literatura fantástica* (1970, 1ª edição), atribuiu o surgimento de um outro ou novo Fantástico, diferente do “clássico” ou “tradicional”, que ele datava do século XIX, majoritariamente. Ao longo de suas

narrativas, tanto Kafka, quanto alguns personagens do escritor tcheco, são invocados pelo nome dado às suas personagens. Isso atesta uma forte presença da aura kafkiana em sua produção – como, aliás, também, uma certa aura camiliana. Você considera, como Todorov, que Kafka inaugurou uma nova fase da literatura fantástica? Se sim, como e por quê? Se não, como você alinharia a obra de Kafka tendo por referência sistemas semionarrativos realista e fantástico (ou insólito)?

R.: Kafka interessa-me muito, sobretudo pelo enigma latente que surge na sua biografia e na sua obra. As suas interrogações estão desalinhadas nos seus aforismos, mas com esse livrinho na mão é possível ler Kafka mais confortavelmente. Porém, se nos damos conta do burocrata das horas alugadas à seguradora, cuja administração o promove mesmo quando ele falta e escreve alucinadamente nas horas que lhe sobram no seu quarto ou nos lugares que lhe arranjam, como a quinta da irmã, então o entendimento do kafkianismo é um tanto diverso do que lemos em *O processo* ou na *Metamorfose*. Tudo o que lhe diga respeito me absorve. Sempre procurei uma saída para o que ele escreveu. Gostaria de ter sido o Max Brod para lhe fazer as perguntas que eu não sei se ele fez, mesmo tendo lido o livro desse seu amigo. E gostaria de ser um ensaísta com a cabeça bem arrumada para poder escrever sobre ele um outro ensaio biográfico. Quando eu estive em Kierling, na casa onde ele morreu, que foi uma clínica e hoje é um aparmuseu, comprei um pedaço de madeira da coluna que sustentava a varanda do seu quarto e tenho-o ali à espera que me dê uma ideia dos seus últimos momentos. Mas o raio

do toco é mudo como um pau! E kafkianamente deveria dizer-me qualquer coisa. Porém, acho que, não sabendo eu alemão, apesar de tudo, não o estarei a ler – e assim a entender – muito bem. Creio que cada um tem o seu Kafka. Não me preocupa muito que ele tenha aberto novas perspectivas ao fantástico. A vida dele é fantástica. Como foi a de Jan Neruda, de Joseph Roth (*Ah A lenda do santo bebedor*) e a de Thomas Bernard. Como foi a de Robert Walser e a de Musil. Estou agora a ler um estudo sobre Kafka e o holocausto, e eu só tinha ideia da destruição pelos nazis de parte da família dele. Por vezes penso que está por montar um grande romance com o que ia nas cabeças dos deportados.

P.: Semelhantemente à visita que você fez à Kafka, transportando-o para universo de sua narrativa como personagem, registra-se uma visita sua a Fernando Pessoa, em *Fernando Pessoa (O Menino de sua Mãe)* (1995). Pessoa também é visto por uma parcela da crítica como um escritor que flanou pelos mundos possíveis da ficção do insólito, especialmente através de seu heterônimo Alexander Search. Pode-se dizer, na sua opinião, que Pessoa escreveu ficção fantástica? Se sim, recuperando as tendências estéticas do *Oitocentos* ou já na esteira de Kafka? Se não, como avaliar a obra, mesmo “inacabada”, de Search?

R.: Fernando Pessoa estava muito mais à frente do que o seu tempo. Ele do século em que nasceu trazia um chão muito bem estudado, mas as suas nuvens estavam todas por aqui, no nosso tempo, ou um pouco mais adiante. As suas leituras artilharam-no bem. Sobre ele escrevi uma história em que a estátua dele no Chiado fala com um menino, filho de um

intelectual. Era só para facilitar o acesso de crianças à obra, que amostramos numa antologiazinha apenas através de uns poemas *fáceis*. Suponho que Pessoa não terá lido Kafka. Nunca me apercebi que o tivesse referido. E ele era muito diferente do autor checo. Agora o que me sugeriu a ensaísta Carla Freitas Martins em seu ensaio é que ele tivesse seguido uma linha existencialista, em que a sua obra se poderia ir ao encontro de um Sartre na *Nausée*, e permitindo-nos pensar também em Camus, sobretudo o do *Étranger*.

P.: Camilo Castelo Branco é um dos mais ilustres, senão o mais ilustre, expoente da ficção romântica portuguesa. Ainda que a opção camiliana não tenha sido a imersão na literatura fantástica, e isso se poderia explicar por sua opção pelo romance, gênero estrutural que é pouco adequado à arquitetura textual fantástica, Camilo escreveu alguns contos que tangenciam vertentes do Fantástico, em especial aquelas mais cadavéricas, funérias, enfim, que evocam os cadáveres, os esqueletos, ambientam-se em túmulos, cemitérios etc. Você concorda que Camilo flertou com a literatura fantástica? Se sim, com que narrativas e como. Se não, por quê?

R.: O fantástico de Camilo – se vamos a usar cânones, diria que é até mais novelista que romancista – tem raízes na Anna Radcliffe e no Eugénio Sue. Ele não flertou, nessa época era a moda e ele seguiu-a. Os Românticos tinham a particularidade de não gostarem de perder o comboio quando esse transporte ainda era incipiente. Apanhava-se com uma ligeira corrida. E Camilo – que teve um quase traumatizante acidente ferroviário – apanhou vários comboios, o melhor dos quais foi

o do realismo, com *A brasileira de Prazins*, o *Eusébio Macário* e *A corja*. Camilo não se afogou no mar romântico, conseguiu nadar vigorosamente até à praia de um novo realismo, nada aparentado com os que imperavam como tal no seu tempo.

P.: Camilo esteve no mesmo recorte secular que Garrett, Herculano, Álvaro do Carvalho, Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Teófilo Braga... Alguns desses foram ferrenhos ativistas na Geração de 70 e representaram o mais duro e cruel racionalismo aristotélico, compromissados com a mimeses referencial mais próxima possível do que se tivesse por verdade, por real. Como você percebe as experiências ficcionais fantásticas deles, em especial as de Eça, baluarte do Realismo, e as de Teófilo Braga, cuja maioria do que escreveu de lavra própria publicou no depois deserdado *Contos phantásticos*?

R.: Aí está de novo o seguir a moda! Desses fantásticos todos, coerentemente o único que se aproveita nessa linha é o Carvalho. Pena ser tão escassa a sua vida e a sua obra não ter outra repercussão. O cinema de Manoel de Oliveira logrou recuperar *Os canibais*, mas nem isso foi o suficiente para fazer vingar sequer o conto homónimo quanto mais o livro todo! As antologias também não o exibem como exemplar da contística portuguesa. E ele é um grande contista do fantástico.

P.: Camilo, Pessoa, Kafka, Méndez Ferrín se fazem, de maneiras diversas, presentes em sua obra. Todos eles, de modo diverso, são apontados como escritores que mantiveram, ainda que em graus diferentes, relações com a ficção fantástica. Admitindo-se que você, semelhantemente a eles, seja, também, um

escritor que, muito amiúde, trafega pelos universos discursos do Fantástico, poder-se-ia dizer que sofreu e sofre influência deles? Se sim, distinguindo-os, como e em que situações? Se não, por quê?

R.: Na verdade, o meu fantástico tem outras raízes, apesar de tudo. Não escondendo que aprecio muito a maneira de Camilo trabalhar a partir de uma conversa, de um documento, já Pessoa suponho que pouco ou nada me deu. E o culpado disso será o Ferrín sempre a dizer que o vocabulário dele cabia numa daquelas folhinhas para fazer um cigarro! Já o Kafka – de *América*, do *Processo* e de algumas histórias, sobretudo *Na colónia penal* – só me interessou com o conhecimento da sua biografia, do seu profissionalismo no campo dos seguros, nas suas sessões de escrita, nos diários, nas cartas, ainda mais nos aforismos, que eu repetia à meia voz. Agora os meus choques eléctricos para saltar para o universo da escrita, quase obsessivo, foi marcado por Sartre (*La nausée* lido entusiasticamente aos 17 ou 18 anos) e *L'Étranger*, de Albert Camus, comprado logo a seguir. Esses dois livros foram determinantes nos diversos episódios encarreirados na minha vida. E um livro de poemas, *Fel*, de José Duro.

P.: Pensando no conjunto de sua obra publicada ou no prelo, logo, naquilo que já escreveu, você aceitaria ser rotulado pela crítica como um autor também fantástico? Se sim, por que e com quais obras? Se não, como se autodefiniria e como explicaria suas incursões pelos mundos possíveis do insólito ficcional?

R.: A crítica que me rotule como entender. Não vou incomodarme com isso. Porém, aceitando ser um dos autores do

Fantástico neste fantástico – e mal aproveitado – país, leio com bastante atenção o que vai saindo sobre os meus livros. Fiquei perplexo, por exemplo, quando do meu primeiro livro de ficção, um crítico tão exigente como o Luiz Pacheco, que desmantelava qualquer prestígio literário, disse coisas muito agradáveis sobre *Natureza morta iluminada* e reincidiu num ou dois livros posteriores. Com o Urbano Tavares Rodrigues aconteceu a mesma coisa. E com outros críticos desses meus primeiros tempos. Subitamente, com o apuramento da minha ficção, patente em livros posteriores, e não alinhando em capelas literárias, a crítica foi-se silenciando. É por isso que procuro que os meus livros, sobretudo nas reedições, saiam acompanhados de estudos críticos. Excepto com esse que está no prelo, *Quatro manhãs de nevoeiro*, para qual convoquei o interesse de três ensaístas nas especialidades da ficção histórica, do sebastianismo e do insólito para lhe acrescentar um posfácio a três vozes!

P.: Seja como leitor, que o é, seja como escritor, profissão assumida, como você percebe, na contemporaneidade, a ficção fantástica na literatura, no teatro, no cinema, na televisão etc., no mundo por si conhecido e em Portugal, em particular? Se possível, refira-se a autores, diretores, produtores, textos, filmes etc.

R.: Um dia, não há muitos anos, vivendo eu no Funchal, aceitei fazer um livro de encomenda. Era uma biografia de um cineasta chamado Manuel Luís Vieira, que eu não conhecia, mas iria conhecer. E conheci a obra ficcional dele na Cinemateca Nacional. Fizera em 1926/27 três filmes de ficção – mudos,

claro – um desaparecera e dos outros dois, a *Calúnia* e *O fauno da montanha*, e quanto a este era só o pioneiro do cinema fantástico português! E do mundo, estava na linha da frente. Depois ele passou a dedicar-se à reportagem e ao cinema oficial do Estado Novo e de alguns outros cineastas – ele era director de fotografia – que faziam filmes com certo acento crítico! Era um desconhecido. Até fiz uma conferência sobre ele na Universidade de Caracas, pois entusiasmei-me com o recobrado *Vieirinha*, como lhe chamavam na época. Era um patricio meu que acabei por recuperar do esquecimento. Um madeirense que também abandonara a ilha da Madeira, onde nascera.

P.: O que o mercado, os leitores e a crítica podem esperar de si para os próximos momentos?

R.: Acontece que chegando aos 71 anos, uma pessoa já começa a fazer contas à vida biológica e a estabelecer uma estratégia. Interesse-me, neste momento, por fazer com que os meus livros tenham divulgação no exterior. Tenho vários projectos em cima da mesa e vou trabalhando para eles. Gostaria de resolver a publicação da minha poesia toda, onde há também poemas que podem ser enquadrados nisto sobre que estamos falando. Na ficção, continuo entre o conto curto e obras com o fôlego de romances de centena e meia de páginas, que é onde me sinto melhor. Agora terminei a investigação sobre um pintor suíço do Romantismo português, que retratou Camilo. Porém está quase pronto um livro de brevíssimos contos que se intitula *A frondosa estrada dos goliardos*.

P.: Que mensagem ou recado você daria a leitores em geral, a críticos ou a pesquisadores?

R.: Enviaria um *correo electrónico* universal, solicitando que me leiam os livros e façam o favor de me comunicar se isso lhes serviu para alguma coisa. Também ousaria ministrar-lhes endereços de fabricantes especializados em óculos para a leitura atenta das minhas obras escolhidas, sabe-se lá por quem, que decerto serão organizadas dentro de uns cinquenta ou sessenta anos.